

Trajetória de Voluntariado, Desenvolvimento Comunitário e Apoio Psicossocial

Meu nome é Daniele Costa Maluf. Sou graduada em Engenharia e Administração, possuo MBA em Gestão de Negócios e atualmente curso Psicologia, área na qual encontrei uma forma ainda mais profunda de contribuir para a transformação social.

Minha trajetória no trabalho voluntário começou muito cedo, ao lado de minha mãe, Maria Filomena da Costa Pereira, com quem participei de diversas ações voltadas ao apoio de populações em situação de vulnerabilidade social. Essas experiências me ensinaram que a assistência social efetiva vai muito além da entrega de recursos materiais: ela exige escuta, construção de confiança e reconhecimento da dignidade humana.

Em 2018, idealizei a ONG NECO, um projeto social que, embora não tenha sido formalmente registrado, realizou diversas ações comunitárias relevantes. Entre elas, campanhas de arrecadação e distribuição de roupas, cobertores durante o inverno e alimentos ao longo de todo o ano para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Entretanto, o principal objetivo da iniciativa era o desenvolvimento de um projeto voltado para meninas em situação de pobreza e vulnerabilidade social, especialmente residentes em comunidades periféricas. A proposta era ampliar horizontes e oportunidades, demonstrando que seu futuro não precisava ser limitado pelas condições sociais em que nasceram ou pelos modelos de vida aos quais estavam expostas diariamente.

O projeto previa apoio escolar, acompanhamento psicológico, atendimento odontológico, atividades artísticas e oficinas práticas, como culinária e artesanato, que pudessem gerar autonomia financeira e fortalecer a autoestima dessas jovens. Mais do que oferecer serviços, buscávamos construir perspectivas de futuro, autonomia e senso de pertencimento.

Uma das lições mais importantes desse trabalho foi compreender que a transformação social começa pela construção de vínculos. Muitas dessas meninas chegavam desconfiadas, evitando participar das atividades ou interagir com as voluntárias. Em contextos marcados por negligência, violência ou promessas não cumpridas, a confiança não é imediata. Foi necessário estabelecer uma presença constante, acolhedora e respeitosa até que elas se sentissem seguras para participar das aulas, compartilhar suas experiências e acreditar que aquele espaço realmente lhes pertencia.

Também atuei como voluntária em uma escola pública da região do Jabaquara, participando das atividades comemorativas do Dia das Crianças em parceria com um grupo liderado por outro Embaixador da Paz. A experiência reforçou minha compreensão sobre a importância das ações comunitárias na promoção de vínculos, pertencimento e desenvolvimento saudável.

Posteriormente, fui voluntária na AFESU (Associação Feminina de Estudos Sociais e Universitários), unidade Morro Velho, onde ministrei aulas de inglês para turmas de meninas entre 11 e 15 anos. As atividades tiveram início durante a pandemia de COVID-19, o que exigiu a elaboração de um plano pedagógico adaptado ao ensino remoto. Com o retorno das atividades presenciais, dei continuidade ao trabalho diretamente na instituição.

Além do ensino da língua inglesa, o trabalho teve como objetivo fortalecer a autoconfiança, a capacidade de comunicação e a percepção de possibilidades futuras dessas adolescentes. Muitas vezes, o aprendizado acontecia não apenas por meio do conteúdo acadêmico, mas também através da criação de um ambiente seguro onde as alunas pudessem se expressar, fazer perguntas e acreditar em seu próprio potencial.

Atuação em Direitos das Mulheres e Promoção da Dignidade

Atualmente, como estudante de Psicologia, atuo na coordenação de um grupo de apoio para mulheres que vivenciam ou vivenciaram relacionamentos abusivos. Também realizo escuta supervisionada, uma prática de acolhimento individual conduzida sob orientação técnica, que oferece às participantes um espaço protegido para expressar sentimentos, elaborar experiências traumáticas e reconstruir sua percepção de si mesmas.

A escuta individualizada possui papel fundamental nesses processos. Mulheres que sofreram violência psicológica, emocional, patrimonial ou física frequentemente chegam com a autoestima profundamente comprometida, sentindo-se culpadas, desacreditadas ou incapazes de reconhecer a própria realidade. Muitas vezes, passaram anos sendo invalidadas em suas percepções e emoções. Nesse contexto, serem ouvidas sem julgamento e com respeito representa um passo essencial para a recuperação de sua autonomia emocional.

Paralelamente, os encontros em grupo oferecem uma dimensão igualmente importante. Ao perceberem que outras mulheres enfrentaram situações semelhantes, as participantes reduzem sentimentos de isolamento, vergonha e culpa. As atividades coletivas favorecem a construção de redes de apoio, fortalecem o senso de pertencimento e promovem o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento compartilhadas.

Em 2026, também participei como voluntária de uma ação promovida pela **Fluxo sem Tabu**, iniciativa dedicada ao combate à pobreza menstrual e à promoção da dignidade menstrual. A ação tinha como objetivo ampliar o acesso a produtos de higiene menstrual e conscientizar sobre os impactos sociais, educacionais e psicológicos da falta desses recursos. A experiência reforçou minha compreensão de que a dignidade humana está diretamente relacionada ao acesso a direitos básicos frequentemente invisibilizados. Além da distribuição de insumos, a iniciativa buscava romper tabus, promover informação qualificada e contribuir para que meninas e mulheres pudessem vivenciar seus ciclos menstruais com mais segurança, autonomia e respeito. Participar dessa ação ampliou minha percepção sobre como desigualdades aparentemente simples podem afetar a permanência escolar, a autoestima, a saúde e a participação social de milhares de mulheres e adolescentes.

Como parte de um projeto extensionista universitário, desenvolvi e implementei uma ferramenta inspirada na metodologia da Roda da Vida, adaptada para identificar as necessidades reais das mulheres atendidas pelo grupo. A análise dos resultados permitiu compreender, de forma mais precisa, os desafios enfrentados por elas em diferentes áreas de suas vidas.

A partir desses dados, implementei rodas de conversa temáticas que se tornaram uma das principais estratégias de intervenção do projeto. Esses encontros proporcionam um espaço seguro, acolhedor e participativo para compartilhar experiências, sentimentos e reflexões, fortalecendo a autonomia, a autoestima e a capacidade de reconstrução pessoal das participantes.

Ao longo de toda minha trajetória, uma compreensão se tornou central: pessoas em situação de vulnerabilidade frequentemente necessitam de algo que antecede qualquer intervenção material — serem vistas, ouvidas e respeitadas. Em diversas ações junto à população em situação de rua, percebi que, muitas vezes, uma conversa genuína, uma escuta atenta e um olhar sem preconceitos produziam impacto tão significativo quanto a entrega de um cobertor ou de uma refeição.

Acredito que projetos sociais sustentáveis são construídos sobre relações de confiança, respeito e participação ativa das comunidades envolvidas. Meu compromisso é contribuir para iniciativas que promovam não apenas assistência imediata, mas também desenvolvimento humano, autonomia, fortalecimento comunitário e transformação social duradoura.